

8

ANTONIO CELSO DO AMARAL SILVA (*)

IVETE FOGAÇA CÉSAR (**)

**CONSIDERAÇÕES
SOBRE
O PAPEL
DA
UNIVERSIDADE**

ABSTRACT

The present article offers some studies about the reasons that lead people to look for a University, their wishes and expectations. It also approaches a phenomenological sight about University: its role and function. Lastly, it focalizes the link between teacher and student and the criteria of valuation under the view points of two alumni.

RESUMO

O presente artigo faz algumas considerações a respeito dos motivos que impulsionam as pessoas a procurar uma Universidade, seus anseios e suas expectativas. Aborda também a visão fenomenológica sobre Universidade: seu papel e sua função. Por último focaliza a relação professor-aluno e os critérios de avaliação, vistos por dois ex-alunos.

(*) . Licenciado em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba (1987): Ex-Presidente do Centro de Estudos Pedagógicos "Paulo Freire". Professor de Sociologia e de História da Educação na OSE (Organização Sorocabana de Ensino).

(**) . Bacharel em Enfermagem pela PUCSP. Licenciada em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba (1987), onde está lecionando Biologia Educacional

O que leva alguém a procurar a Universidade?

Alguns pontos devem ser analisados:

Em primeiro lugar, sem dúvida nenhuma, a necessidade de projeção social, ou melhor, de estabilidade, social e financeira. Não podemos desprezar tal situação; é mister termos em nossos conceitos de ingresso na universidade tal necessidade; é por isso que grande parte da população sente-se na obrigação de realizar tal "sonho". Mas a própria situação do nosso povo não permite que a grande maioria atinja esse objetivo. Não discutamos o tão conhecido e discutido aspecto financeiro; discutamos, sim, os pré-requisitos que esse aluno tem (ou não) quando ingressa na faculdade.

Outros já vêm à Universidade para dar continuidade a um projeto já definido, muitas vezes pela própria família, sem problemas financeiros e sociais. São esses alunos que, infelizmente, adentram as faculdades gratuitas.

O que se espera da Universidade?

Ao ingressar no ensino superior, os "calouros" estão repletos de anseios, expectativas, emoções e sentimentos de realizações, quer pessoais, quer sociais. São sonhos, muitas vezes, acalentados durante anos. São expectativas de que a vida possa ser menos ingrata a partir desse momento. São emoções indescritíveis. Tornam-se os membros mais importantes da família, tratados como pessoas diferentes, são os "maiores". Passam a acreditar que tudo irá se transformar - a sociedade lhes abrirá as portas. Serão conhecidos, serão pessoas fora do comum, enfim, serão tratados como seres humanos. Pensam em realizar grandes projetos de vida, atingir os mais altos postos públicos e o "status" de realizados socialmente. Se conseguirão tais objetivos, somente o tempo irá dizer.

O que é a Universidade?

Não recorramos a definições preestabelecidas, pois todos já as conhecem. Sejamos mais objetivos nessa pergunta.

Pensemos na Universidade como um conjunto de elementos que devam se relacionar íntima e acertadamente. Pensemos nas condições que essa Universidade possa oferecer e não como "só ensino, ensino, ensino, até ficar de cabeça cheia, sem ter mais um pingo de criatividade e virar autômato, repetindo as mesmas chatices para bandos intermináveis de alunos inocentes, que não conseguem entender..."(1).

Uma Universidade onde professores, alunos e funcionários possam fazer uma integração eficaz, bem estruturada e concatenada. Uma Universidade que permita ao aluno a possibilidade de crescer e não viver "dos resultados das investigações feitas sobre problemas de outras realidades e não daquelas emergentes das necessidades e desafios de nossa nação e de nosso povo"(2). Uma Universidade cheia de vida, com educadores onde a interioridade faz uma diferença, em que as pessoas se definem por suas visões, paixões, esperanças e horizontes utópicos, porque o que o aluno contempla corre colado ao imprevisível de uma experiência de vida ainda não gerenciada: "os professores são habitantes de um mundo diferente, onde o 'educador' pouco importa, pois o que interessa é um 'crédito' cultural que o aluno adquire numa disciplina identificada por uma sigla, sendo que, para fins institucionais, nenhuma diferença faz aquele que a ministra"(3).

É evidente que o modo de agir do professor tem uma relação com a sociedade que o cerca. Já se foi o tempo em que ele era um conjunto de padrões preestabelecidos.

Se pensarmos no processo educativo como um controlador social, "determinando que as relações professor-aluno sejam de autoridade-subordinação, não

no sentido de uma didática de coerção, mas no sentido de que cabe, primeiramente ao professor, como agente controlador na educação sistemática, tomar decisões sobre aula"(4), estaremos incorrendo num processo ainda arcaico e sem consistência. O que deve acontecer e dessa forma tornar a Universidade realmente a "casa de saber" é que o processo educativo se integre com a sociedade, permitindo, dessa maneira, a possibilidade de atingirmos os objetivos propostos pela Educação Universitária: "formar profissionais de alto nível tecnológico e fazendo ciência, a Universidade deve ser o lugar da excelência do cultivo do espírito, do saber, e onde se desenvolvem as mais altas formas da cultura e da reflexão"(5).

No que concerne à adequação entre Universidade e sociedade, muitos se sentem fascinados pela modernização, isto é, pela racionalidade administrativa e pela eficácia quantitativa, opondo-se àqueles que lamentam o fim de uma Universidade onde ensinar era uma arte e pesquisar, a tarefa de uma vida. "A tecnocracia devorou o humanismo, não porque não dispomos de verbas suficientes para transmitir conhecimentos, mas sim porque a universidade está estruturada de tal forma que sua função seja: dar a conhecer para que não se possa pensar. Adquirir e reproduzir para não criar. Consumir, em lugar de realizar o trabalho de reflexão"(6).

Já sentimos que o disparate ocorre no vestibular. Um vestibular despreparado, sem estrutura, sem objetivos. Um vestibular obsoleto, onde apenas está sendo medido o aspecto quantitativo e não o qualitativo. Não se pode medir a capacidade de um aluno, respondendo testes de múltipla escolha. Não se preocupa em saber se o aluno é capaz de refletir, organizar pensamentos, resolver situações e, dessa forma, são pouquíssimos os que se sobressaem; os demais são repetidores de situações "Muitas escolas, cursinhos travestidos de escolas, montam toda a sua propagan

da em cima de slogans como 'aqui preparamos para o vestibular' e não titubeiam em sacrificar a educação para atender os pais desavisados. As aulas nessa fase nem são conduzidas por verdadeiros professores. São "shows-men" capazes de manter a atenção de jovens adolescentes com 'tiradas', 'macetes' para escolher a melhor alternativa, com ditos impublicáveis aqui, ... mesmo que não se saiba exatamente o que isso ou aquilo significa"(7).

Ora, dessa forma, como podemos exigir uma Universidade voltada para o pensar, o discutir, o concluir? Somos, de uma maneira ou de outra, responsáveis por tal situação. Se não ficássemos num discurso onde a retórica é apenas utilizada no sentido de atingir uma classe elitista, mas se agíssemos de maneira a exigir que as autoridades competentes percebessem a necessidade de estimular uma Universidade onde o "universal" fosse cultivado, quem sabe teríamos uma revolução educacional.

Como deve ser a relação professor-aluno?

Antes de mais nada, devemos nos reportar à necessidade de termos educadores ao invés de professores. São os educadores responsáveis pela motivação da pesquisa, da análise, da crítica. Não são eles (educadores) aqueles que tornam o ensino maçante e "chato".

Ora, se o educador permitisse ao aluno a possibilidade de poder usar sua criatividade, a Universidade seria um local agradável, cheio de vida, onde a voz do aluno seria ouvida, analisada e acatada.

Existiria uma reciprocidade de ação entre professor e aluno. Ao professor caberia orientar, dar diretrizes, avaliar o desempenho dos alunos. Aos alunos caberia realizar as metas propostas, relatar experiências, dissertar teses sobre pesquisas devidamente orientadas, discutir avaliação.

Sabemos que a necessidade faz com que tenhamos au

las totalmente expositivas, onde se oferecem ao aluno situações pré-vivenciadas pelo professor, e o aluno espera soluções. Sabemos que o problema da educação no Brasil é um problema-base, onde o ensino de 1º grau, principalmente, está esquecido pelas autoridades competentes. É uma legislação ultrapassada, fãlha, irreal às necessidades do povo. É essa educação inicial faz com que o aluno seja efetivamente passivo, pois aluno ativo é sinal de aluno desajustado. Quando ele atinge a Universidade está tão condicionado a essa passividade que, por mais efetiva que seja a movimentação feita pelo professor, dificilmente chegará a participar. E assim, com o aluno entregue aos seus destinos, cabe ao professor apenas realizar seu papel de "professor".

Ao indicar um valor médio de nota, a escola gera um aluno cuja meta é apenas conseguir aqueles pontos necessários. Com isso o que se vê é um aluno preocupado em desenvolver-se exclusivamente quando está chegando o fim do semestre, nunca crescendo de maneira gradual e coerente durante o transcorrer do ano letivo. Alguns professores concorrem para que tal situação aconteça. Professores preocupados com uma avaliação contínua e eficaz, são muitas vezes escamoteados. "Quando começamos a pensar sobre avaliação, ou nos defrontamos com a situação concreta de avaliaar nossos alunos, comumente perguntas como estas nos assaltam: 'Como é que vou dar a prova?', 'Quando vou aplicar uma prova?', 'Que aspectos ou pontos vou avaliar?', 'Quantas notas vou dar?', 'Que tipo de provva vou fazer?', 'Que importância tem esta avaliação?', 'O que é importante numa avaliação?', 'Para que vou avaliar?', 'Que técnica de avaliação vou utilizar?'" (8).

Se considerarmos a avaliação como instrumento de "retroalimentação" (feedback), realizando quando do processo de aprendizagem, verificaremos que os objetivos propostos para aquela situação se apresentarão

mais claros e teremos maiores condições de realmente verificar se o aluno atingiu tais objetivos ou não.

Se optarmos pelo ensino "com referência a critério" teremos oportunidade de observar que "o sucesso no 'ensinar alguma coisa a alguém' não decorre de arte, nem de técnica. Na verdade decorre da disposição com que o aprendiz se dedica à tarefa. É muito mais uma questão de 'desejar aprender' do que 'tentar aprender'"(9). No ensino "com referência à norma", os alunos são diferentes uns dos outros, tanto em suas potencialidades, como em relação à aprendizagem. Provas e aulas são iguais para todos. Já no ensino "com referência à critério", os alunos desejam resultados iguais em relação aos mínimos essenciais"(10).

Não podemos esquecer que, ao avaliar, estamos verificando se os objetivos propostos estão sendo atingidos e é por isso que a avaliação deve ser concebida de maneira a espelhar tal conceito. Uma avaliação ponderada, criteriosa e bem feita, envolvendo a criatividade, a capacidade de análise e síntese do educando, verificando se o esforço, tanto do professor quanto do aluno, está sendo canalizado para o mesmo objetivo, enfim, demonstrando que o que se espera de processo ensino-aprendizagem está sendo atingido, é um fator fundamental.

Talvez, vendo a Universidade como um local onde as aspirações e realizações de professores e alunos sejam conquistadas, onde exista critério em "medir" conhecimentos e esforços, teremos a certeza de que estamos no caminho certo.

-----*-----

Referências e Bibliografia

- (1) PIRSIG, Robert M. ZEN e a arte da manutenção de motocicletas. São Paulo. Paz e Terra, 1988. p. 141.
- (2) LUCKESI, Cipriano et alli. Fazer universidade : uma proposta metodológica. São Paulo. Cortez. 1985. p. 36.
- (3) BRANDÃO, Carlos A. (org). O educador: vida e morte; escritos sobre uma espécie em perigo. Rio de Janeiro. Graal. 1988. 8ª ed., p. 18.
- (4) MASETTO, Marcos T. & ABREU, Maria Célia. O professor universitário em aula. São Paulo, M.G., - 1985, p. 115.
- (5) _____, p. 41.
- (6) BRANDÃO, Carlos A. (org). O educador: vida e morte; escritos sobre uma espécie em perigo. Rio de Janeiro. Graal. 1988. 8ª edi., p. 62.
- (7) SANTOS, Wladimir dos. A verdade sobre o vestibular. São Paulo. Ática. 1988, p. 72-73.
- (8) SANTOS, Wladimir dos. Planejamento, execução e avaliação no ensino com referência a critério. Anotações, p. 8.
- (9) _____, p. 60.
- (10) _____, p. 16.